

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 18/19 – 2016

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

APRESENTAÇÃO

DOSSIÊ “TRABALHO DOCENTE”

Araré Carvalho Jr. (Org.)

A forma como trabalhamos determina a forma como nós vivemos, e acima de tudo, como construímos nossa sua subjetividade. Os processos de saúde ou doença, também são derivados da forma como o trabalho está organizado na atualidade.

A reestruturação produtiva coloca na ordem do dia a necessidade de se diagnosticar a relação entre as novas formas de gestão e organização do trabalho e o adoecimento do trabalhador. A partir disso, construir indicadores qualitativos e quantitativos que expressem as causas estruturais que as produzem.

No atual estágio do capital a manifestação mais clara da precarização é a diminuição da vida, da qualidade de vida do trabalhador. O adoecimento da classe que vive do trabalho é expressão de um momento histórico onde o trabalho não se limita mais ao ambiente institucional, tomando conta não só da objetividade do trabalhador mas também da sua subjetividade.

Dentro dessa perspectiva os textos, hora apresentados, tem como fio condutor, a preocupação com a pessoa que trabalha, mais especificamente, com o trabalho do professor e os rebatimentos dessa intensificação do trabalho na saúde dessa categoria.

Sendo a Educação um valor civilizatório, o trabalho do professor figura como condição necessária para o estabelecimento de um mínimo de valores que nos impeça de flertar com a barbárie. Entender a centralidade da categoria trabalho já é por si só de suma importância para se entender a dinâmica do capital e suas reverberações na nossa

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 18/19 – 2016

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

época. Entender o trabalho do professor, mais do que identificar as características dessa ocupação, é entender os sinais e opções que o capitalismo no atual estágio, faz.

Pesquisadores da precarização do trabalho do professor apontam que a exploração da força de trabalho se assemelha a outros espaços de produção capitalista. São situações que expressam esta realidade: rigidez no cumprimento de horários e conteúdos, a sobrecarga de trabalho, a realização de atividades docentes não remuneradas, entre outras.

Na contramão de um número cada vez maior de exigências, as condições de trabalho são precárias. Os professores são obrigados a incorporar tarefas não remuneradas, além de executarem uma grande quantidade de tarefas entre as aulas e nos períodos de descanso.

Com efeito, o trabalho do professor não escapa as regras da acumulação capitalista. O trabalhador é absorvido em suas forças em função da intensidade do trabalho que precisa executar a fim de manter níveis mínimos de renda compatíveis com seu nível de formação e função exercida.

Os textos aqui apresentados, inserem o leitor, no debate, mostrando as nuances desse processo de precarização e como ela reflete nas diversas categorias de professores (de ensino médio, universitário, públicos e privados).

A leitura propiciará uma introdução ao um debate que ganha cada vez mais força no meio acadêmico, sindicatos e sociedade. Como uma profissão considerada essencial para a reprodução social, pode ser submetida a condições de trabalho que adoecem aquele que deveria educar as futuras gerações?